

## AUTISTAS E LUTAS: INOVANDO MÉTODOS INCLUSIVOS

Edson Diego Silva Barbosa<sup>1</sup>; José Maxuell Vieira Lopes da Silva<sup>2</sup>; Patrick Fideles da Silva<sup>3</sup>;  
Anny Sionara Moura Lima Dantas<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Universidade Estadual da Paraíba [e.barbosa503@gmail.com](mailto:e.barbosa503@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Estadual da Paraíba [maxuellyvieira@gmail.com](mailto:maxuellyvieira@gmail.com)

<sup>3</sup> Universidade Estadual da Paraíba [patrickfideles1@gmail.com](mailto:patrickfideles1@gmail.com)

<sup>4</sup> Universidade Estadual da Paraíba [annysionara@bol.com.br](mailto:annysionara@bol.com.br)

### Resumo

Estima-se que 1 em cada 100 crianças são diagnosticadas com TEA (Transtorno do Espectro Autista). Portanto, existe a preocupação com o bem-estar dessa parcela da população. Como professores, buscamos conhecer essa realidade e desenvolver neste projeto, os conceitos e métodos viáveis para trabalhar nos mais diversos casos, ensinando o currículo acadêmico proposto pelas instituições e preparando os alunos para a vida em sociedade, munindo-os com o pensamento crítico que possibilite seu desenvolvimento de forma integral e inclusiva. Foram criadas metodologias com propostas inovadoras em um programa de extensão no Departamento de Educação Física com crianças autistas incluindo o componente Lutas às suas vivências. Foram utilizadas duas abordagens metodológicas distintas que se adequaram melhor às terapias apresentadas para tratamento e ao conteúdo. A intervenção através dos exercícios lúdicos foi planejada e executada cuidadosamente, não abrangendo as atividades complexas das lutas, mas promovendo um (re)conhecimento pedagógico e corporal, desenvolvendo as habilidades motoras, incentivando a interação social e autoestima. A Educação Física tem condições favoráveis de cumprir esses deveres devido a natureza dinâmica de suas aulas e dos conteúdos propostos pela BNCC. Dentre esses conteúdos, as lutas vêm surgindo como ferramenta importante de inclusão e desenvolvimento psicocognitivo de crianças com TEA por seu caráter pedagógico, no ganho de qualidade de vida.

**Palavras-chave:** Educação inclusiva, Educação Física, Lutas, Transtorno do espectro autista.

## Introdução

A nova versão da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID), atualmente na sua décima primeira versão, define o transtorno do espectro do autismo (TEA), conhecido comumente apenas como autismo, como “déficits persistentes na capacidade de iniciar e sustentar a interação social recíproca e a comunicação social, e por uma série de padrões de comportamento e interesses restritos, repetitivos e inflexíveis”.

É um distúrbio que ocorre na maioria das vezes na primeira infância, mas pode ser diagnosticado quando as demandas sociais são limitadas. Tais limitações podem causar prejuízos nas áreas social, familiar, educacional e ocupacional. No entanto indivíduos ao longo do espectro exibem uma gama complexa de habilidades intelectuais e de linguagem que devem ser levadas em conta. (CID 11, 2018).

A pesquisa mais recente publicada pelo Center for Disease Control and Prevention [*Centro de Controle e Prevenção de Doenças*] (CDC) aponta que, nos EUA, 1.68% das crianças de oito anos tem autismo. Como adverte Fombonne (2018), não há padronização da metodologia de pesquisa de autismo. Cada qual tem características próprias e metodologias que se adequam melhor às condições infra estruturais de serviços educacionais e de saúde e políticas sociais voltadas para o estudo. Isso gera dados controversos sobre o assunto, mas mostram um constante aumento dos diagnósticos positivos do TEA.

Mesmo com números não precisos, temos a estimativa rasteira de 1 em cada 100 crianças sendo diagnosticadas com autismo. Outro dado esperado é que esse número acompanhe a média mundial em crescimento. Tendo isso em mente, surge a preocupação com o bem-estar dessa parcela da população. Gómez e Manzone (2018) descrevem indicadores para uma boa qualidade de vida para autistas, destes podemos destacar como competências da escola as “relações sociais significativas”, “garantia de dignidade e identidade”, “desenvolvimento de capacidades e interesses individuais” e “inclusão da pessoa com TEA”.

Como professores devemos conhecer essa realidade, seus conceitos e características da inclusão, os métodos mais modernos e/ou viáveis nos diversos casos para trabalhar com esse público e ensinar não só o currículo acadêmico proposto pelas instituições como também preparar os alunos para a vida em sociedade, munindo-os com o pensamento crítico que possibilite seu desenvolvimento de forma integral e inclusiva.

A Educação Física, componente obrigatório na educação básica, tem condições favoráveis de cumprir esses deveres devido a natureza comumente dinâmica de suas aulas e dos conteúdos propostos pela Base Nacional Comum Curricular: Brincadeiras e jogos, Esportes, Ginásticas, Danças, Lutas e Práticas corporais de aventura (BRASIL, 2018). Também a partir da esfera superior de formação dos professores, existem componentes curriculares e cursos de especialização específicos que dão suporte para melhor atender a esta demanda do ensino.

Neira (2010) aponta que a função social da educação física é proporcionar uma reflexão pedagógica sobre as representações simbólicas das diversas realidades vividas, criadas e desenvolvidas culturalmente na história da humanidade. Então devemos ter como objetivo “considerar o contexto sociocultural da comunidade escolar e as diferenças entre os alunos, para fazer delas e dos conhecimentos da sua cultura [...] condições de igualdade no lugar de critérios para justificar discriminações e preconceitos.”

Dentre esses conteúdos, as lutas vêm surgindo como ferramenta importante de inclusão e desenvolvimento psicocognitivo de crianças com TEA. Woodward (2009) reforça essa hipótese quando relata a melhora psicológica, relaxamento, coordenação motora, controle de raiva, sensação de bem-estar e autoestima dos praticantes de artes marciais. Bu *et al.* (2010) ainda acrescenta a desaceleração do declínio do sistema muscular e esquelético, notável melhora no equilíbrio e ganhos na capacidade cardiorrespiratória. Além desses benefícios, a forte influência da mídia nos motivou a tomar esse conteúdo como objeto de estudo.

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

[www.cintedi.com.br](http://www.cintedi.com.br)

O conteúdo Lutas é descrito na BCNN (2018) como “disputas corporais, nas quais os participantes empregam técnicas, táticas e estratégias específicas para imobilizar, desequilibrar, atingir ou excluir o oponente de um determinado espaço, combinando ações de ataque e defesa”. Os Referenciais Curriculares do Ensino Fundamental de João Pessoa – PB (2010) ainda acrescenta que são “uma forma de expressão corporal que representa vários aspectos da vida do homem, [...] passando pelas esferas sociais, afetivas, religiosas, políticas, econômicas, entre outras, até como uma forma de linguagem transmitida ao ser humano ao longo dos tempos.”

Apesar de bem estruturado e diversificado o conteúdo é pouco trabalhado nas salas de aula, quando não é descartado por motivos diversos. Correia e Franchini (2010) deixam claro a precariedade do acervo acadêmico relacionado ao conteúdo Lutas na Educação Física ao encontrar apenas 75 discussões em revistas nacionais e internacionais, dos anos de 1998 a 2008, apontadas como referências para os profissionais atuantes. Essa perspectiva fica mais alarmante quando se busca literaturas para o ensino de Lutas de forma inclusiva.

Buscando nos aprofundar acerca desse tema, criamos metodologias com propostas inovadoras em programa de extensão no Departamento de Educação Física com crianças portadoras de TEA incluindo o componente Lutas às suas vivências e estimulando o desenvolvimento psicomotor e social a partir das atividades práticas.

### **Metodologia**

Segundo Manoel (1994) os movimentos têm um papel primordial na operação básica de adaptação de organismos vivos, envolvendo o planejamento e a verificação experimental. Todavia, por mais que a aula de Educação Física deva privilegiar a aprendizagem do movimento, é possível estar ocorrendo outras aprendizagens em decorrência da prática das habilidades motoras.

Conforme Silva (2010), quanto mais um indivíduo é submetido à prática, maiores serão as possibilidades de obtenção de níveis elevados de qualidade em relação aos padrões motores. Por meio dos movimentos corporais, a criança interage e atua de forma satisfatória no ambiente escolar e no ambiente social, porém para que ocorra essa interação, é necessário que o professor crie métodos para o desenvolvimento e aprimoramento do repertório motor da criança.

De acordo com Gil (1995) o método experimental consiste essencialmente em submeter os objetos de estudo à influência de certas variáveis, em condições controladas e conhecidas pelo investigador, para observar os resultados que a variável produz no objeto. Baseando-se nisso, tencionamos encontrar a metodologia mais indicada para o ensino de educação física, em especial o conteúdo de Lutas, para pessoas com TEA.

A abordagem crítico-superadora caracteriza-se como uma concepção propositiva, visto que determina critérios para a sistematização da disciplina de educação física no âmbito da escola. “Utiliza o discurso da justiça social como ponto de apoio tendo recebido na Educação Física grande influência dos educadores José Libaneo e Demerval Saviani.” (DARIDO, 2003). Sob a ótica do Coletivo de Autores (1992) “a Educação Física é uma disciplina que trata, pedagogicamente, na escola, do conhecimento de uma área denominada aqui de cultura corporal.” Segundo esses autores, pode-se entender a cultura corporal como formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história e exteriorizados pela expressão corporal, promovendo uma análise da realidade social, seja um âmbito local ou num âmbito global, como característica fundamental para a formação de cidadãos autônomos, críticos e que sejam capazes de produzir a construção de sua realidade.

O método desenvolvimentista baseia-se no desenvolvimento motor como principal meio para a aprendizagem. Nesta abordagem é defendida a ideia de que o movimento é o principal meio e fim da educação física, não sendo sua função o desenvolvimento das capacidades que

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

[www.cintedi.com.br](http://www.cintedi.com.br)

auxiliem na alfabetização e o pensamento lógico-matemático, embora isto possa ocorrer como uma consequência da prática motora. (DARIDO, 1998). Assim, seu principal objetivo é oferecer experiências de movimentos que acompanhem o nível de desenvolvimento e crescimento do aluno, afim de obter aprendizagem das habilidades motoras e proporcionar ao aluno condições para desenvolver seu comportamento motor, através de uma prática de interação entre a diversificação e a complexidade dos movimentos.

Teixeira (2013) aborda que o método ABA (Análise do Comportamento Aplicada) constitui-se na compreensão do comportamento da criança e em sua interação com o ambiente e pessoas de seu convívio. A partir disto são desenvolvidas estratégias para corrigir comportamentos inadequados e estimular comportamentos assertivos. O uso de reforçadores e recompensas é uma estratégia utilizada que favorece, de forma ampla, no sucesso do método. O Ministério da Saúde (2015) acrescenta que esse método atua também para redução de comportamentos estereotipados, agressividade entre outros comportamentos inadequados, podendo ser substituídos por novos comportamentos mais aceitáveis, servindo para os mesmos propósitos, porém, de um modo mais eficaz. Neto *et al.* (2013) afirma que “a terapia ABA tem sido a com melhores resultados, pois recorre-se à observação e à avaliação do comportamento do indivíduo, no sentido de potencializar a sua aprendizagem e promover o seu desenvolvimento e autonomia.”

De acordo com a definição e a forma de aplicar a terapia ABA, comparando com a proposta da abordagem desenvolvimentista, teorizamos que ambos os métodos podem se mesclar e se adaptar para atender adequadamente uma parcela do público proposto.

O método TEACCH (Treatment and of Autistic and Related Communication Handicapped Children [*Tratamento de Crianças com Deficiências de Comunicação Autistas e Relacionadas*]), que traduzido em português significa Tratamento em Educação para Autista e Crianças com Deficiências Relacionadas à Comunicação, é um programa de intervenção terapêutica educacional e clínico, conforme afirmam Schwarztzman e Assumpção (1995). O TEACCH é um trabalho de intervenção terapeuta baseado na determinação de objetivos bem definidos e direcionados aos comportamentos que se pretende mudar a partir de reforço positivo que, segundo Schwarztzman e Assumpção (1995), estimula a probabilidade das condutas entendidas como adequadas a serem realizadas na convivência social.

A partir de uma avaliação denominada PEP-R (Perfil Psicoeducacional Revisado), este método determina os pontos fortes, interesses e dificuldades individuais para montar um programa único que será aplicado desde a organização do ambiente à definição de tarefas, visando a independência, mesmo que na fase inicial do processo demande muita atenção do professor.

por isso este método se encaixou perfeitamente na abordagem crítico-superadora. Partindo do ponto de vista de uma compreensão mais aprofundada da criança e das ferramentas de que o professor dispõe para lhe dar apoio, cada professor pode adaptar as ideias gerais que lhe serão oferecidas ao espaço de sala de aula e aos recursos disponíveis, e até mesmo às características de sua própria personalidade, desde que, é claro, compreenda e respeite as características próprias de seus alunos.

## **Resultados e Discussão**

Para adequar o conteúdo para a nova classificação que o autismo recebeu, propomos o uso de duas abordagens metodológicas distintas que, no nosso entendimento, se adequam melhor às terapias apresentadas para tratamento. Como é possível visualizar na Tabela 1, podemos dividir pessoas com TEA em dois grupos principais: Com Deficiência Intelectual e Sem Deficiência Intelectual. A partir de experiências pregressas de ensino e baseando-se na literatura metodológica que dispomos, além de orientações constantes da coordenadora do

Programa, nos munimos das metodologias crítico-superadora e desenvolvimentista para atender o grupo sem e com DI respectivamente.

Linguagem Funcional	Sem Deficiência Intelectual	Com Deficiência Intelectual
<b>Leve</b> ou nenhum prejuízo de linguagem funcional	CID: 6A02.0	CID: 6A02.1
<b>Com prejuízo</b> de linguagem funcional	CID: 6A02.2	CID: 6A02.3
<b>Ausência</b> de linguagem funcional	CID: 6A02.4	CID: 6A02.5

Fig. 1. Nova classificação do TEA segundo a CIA 11

No início do trabalho utilizamos o método TEACCH aliado à abordagem crítico-superadora por ser predominantemente psicopedagógico e termos recebido o aluno sem o diagnóstico clínico, observando apenas idade e desenvolvimento motor. Realizamos a avaliação física do aluno, determinando seus pontos fortes e fracos e criamos uma rotina de treino individual. Adaptamos o ambiente para facilitar a compreensão do aluno, fazendo com ele entendesse que aquele era seu local de praticar atividades físicas. Determinamos que o reforço positivo que usaríamos seria o reforço social, com exaltações para cada sucesso. Planejamos desafios pedagógicos progressivos para fácil assimilação do conteúdo e aplicamos de acordo com as capacidades que o aluno desenvolvia.

Infelizmente esse método se mostrou ineficaz, pois devido à leve deficiência intelectual do aluno os desafios básicos em cada aula não foram realizados conforme o esperado, resultando em recusa na execução e desânimo progressivo. Para contornar esse obstáculo buscamos repensar as aulas ao método desenvolvimentista aliado à terapia ABA, incentivando seu desenvolvimento de acordo com suas limitações.

A intervenção através dos exercícios lúdicos foi planejada e executada cuidadosamente, não abrangendo as atividades complexas das lutas, mas promovendo um (re)conhecimento pedagógico e corporal, desenvolvendo e aprimorando as habilidades motoras, incentivando a interação social com os outros alunos a partir dos exercícios coletivos e cultivando uma autoestima que diminuía a cada aula no método anterior.

### Conclusões

Esta experiência permitiu uma análise de forma que a modalidade “Lutas” pode ser desenvolvida para estimular os portadores de TEA em sua psicomotricidade e sociabilidade, contribuindo também para gerar uma reflexão a respeito das dificuldades encontradas para proporcionar aos autistas uma experiência completa da vivência das lutas. Além disso, foi observado a carência de literatura que faz a ligação direta do conteúdo das lutas com o Transtorno do Espectro Autista.

Apesar das dificuldades iniciais foi notada a motivação dos voluntários do Programa e professores, na busca e aprofundamento teórico para compor a melhor forma de realizar a proposta. Neste contexto, foi um desenvolvimento mútuo de aprendizado e troca de experiências entre os voluntários e usuários do Programa.

A proposta de atividades na abordagem crítico-superadora unida com a terapia TEACCH voltadas para as lutas não surtiram o efeito esperado, pois a mesma não considera as limitações intelectuais dos usuários, o que atrasou o avanço do programa quanto ao seu objetivo. Entretanto, foi notada que mesmo sem resultados, ainda havia o interesse por parte dos alunos e de seus responsáveis na modalidade lutas, dessa forma foi possível dar continuidade ao trabalho e buscar a melhor forma de trabalhar a modalidade. Já a concatenação da abordagem desenvolvimentista com a terapia ABA obteve melhores

resultados, pois a mesma respeita a limitações dos usuários, onde estes ficaram mais dispostos a realizarem as atividades. Foi registrado também um aumento de sociabilidade aluno/professor, um entendimento dos movimentos das lutas por parte do aluno na segunda fase do Programa que, conseqüentemente, é um indicador que os efeitos esperados foram alcançados.

Os dados, entretanto, não são suficientes para definir as teorias citadas. Os resultados foram significantes para pais e alunos desse projeto, porém a falta de investimento e a falta de literaturas que são de suma importância para comparação de resultados e inovação da prática.

Num estudo posterior, pode ser aprofundado uma base teórica que vise outros tratamentos de TEA, para obter um progresso mais imediato. Um escopo maior de alunos que se encaixem nas diferentes classificações do TEA também é vital para a comprovação dessa resolução. Adicionalmente há a necessidade de uma formação contínua para os professores de educação física, onde a sua especialização proporcione a melhor experiência para os autistas.

Dado o exposto, podemos afirmar que o conteúdo “Lutas” se mostrou uma forma interessante de desenvolver as habilidades psicomotoras e sociais dos indivíduos, bem como aumentar a qualidade de vida dos mesmos.

### **Referências**

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, Versão Final, 2018.

BU, Bin *et al.* **Effects of martial arts on health status: a systematic review**. Journal of Evidence-Based Medicine, 205–219, 2010.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992. Coleção Magistério 2º grau – série formação do professor

CORREIA, Walter R.; FRANCHINI, Emerson. **Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate**. Motriz, Rio Claro, v.16 n.1 p.01-09, jan./mar. 2010.

DARIDO, Suraya Cristina. **Apresentação e análise das principais abordagens da educação física escolar**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, 20 (1), setembro/98.

\_\_\_\_\_. **Educação física na escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

FOMBONNE, Eric. **Editorial: The rising prevalence of autism** Journal of Child Psychology and Psychiatry. 59:7, pp 717–720. 2018.

GALLAHUE, David L.; DONNELLY, Frances C. **Educação física desenvolvimentista para todas as crianças**. 4 ed. Indiana, USA: Phorte 2008.

GIL, Antônio C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Editora Altas S.A, 2008

GÓMEZ, José L. C.; MANZONE, Luísa A. **Adaptación argentina de la guía de indicadores de calidad de vida para organizaciones que apoyan a personas con trastornos del espectro autista**. Arch Argent Pediatr 2018;116(2):e257-e266.

HARRIS, Elizabeth R. A. *et al.* **Abordagem crítico-superadora e a produção de conhecimento: reflexões sobre saúde e esporte na escola**. R. Min. Educ. Fís., Viçosa, v. 23, n. 2, p. 129-159, 2015.

INTERNATIONAL CLASSIFICATION OF DISEASES. ICD 11. **6A02 Autism spectrum disorder**. 2018. Disponível em: <<http://icd11.xyz/code-6A02>>. Acesso em: 15 jul. 2018.

LEITE, Francisco E. P.; BEZERRA, Rodrigo V. **A concepção crítico-superadora: análise das características e o método de ensino da educação física**. FIEP BULLETIN - Volume 84- Special Edition - ARTICLE II – 2014.

MANOEL, Edison de J. **O que é ser criança? Algumas contribuições de uma visão dinâmica do desenvolvimento motor**. In: KREBS, R.J.; COPETTI, F.; BELTRAME, T.S. *Discutindo o desenvolvimento infantil*. Santa Maria: Pallotti, 1998. p.109-30.

\_\_\_\_\_. **Desenvolvimento motor: implicações para a educação física escolar**. Revista Paulista de Educação Física. São Paulo: v. 8, p.82-97, 1994.

NEIRA, Marcos G. **Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

NETO, Otílio. P. da S.; CARVALHO, Paulo T. de S.; SOUZA, Aislan R. R. de S. **E-kids: uma ferramenta no Auxílio da Aprendizagem de Crianças Portadoras de Disfunção Global do Desenvolvimento (Autista), baseada no método ABA**, 2013.

PARAÍBA, Secretaria de Educação e Cultura do Estado da. **Referenciais Curriculares do Ensino Fundamental: Linguagens e Diversidade Sociocultural**. João Pessoa: SEC/Gafset, 2010.

SCHWARSTZMAN, J. S.; ASSUMPCÃO, F. B. Jr. e Colaboradores. **Autismo Infantil**. Memnon Edições Científicas. São Paulo, 1995.

SILVA, Carlos M. M. **Diferenças motoras em crianças desportivas e crianças somente praticantes de educação física escolar**. Revista Espaço Acadêmico nº105, fevereiro. 2010.

SILVA, Nancy C. B. da. **Deficiência Física e AEE**. Valinhos: 2016.

STRAPASSON, Aline M. **Práticas Inclusivas em Educação Física**. Valinhos: 2017.

TEIXEIRA, Gustavo. **Manual dos transtornos escolares: Entendendo os problemas de crianças e adolescentes na escola**. 2 ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2013.

WOODWARD, Thomas W. **A review of the effects of martial arts practice on health**. Wisconsin Medical Journal, Volume 108, No. 1, 40-43, 2009.